



Revista do Mestrado em Direito da UFS

## UMA NAÇÃO OUTRA VEZ (?): DESDOBRAMENTOS DO BREXIT SOBRE O MOVIMENTO NACIONALISTA DA IRLANDA DO NORTE

Ícaro Silva Melo<sup>1</sup>  
José Vichthor Bezerra de Araújo Alvares Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

O argumento a ser confrontado neste artigo afirma que a corrosão da base social de apoio à Coroa britânica, e, o impasse sobre as negociações do “Brexit”, saída do Reino Unido da União Europeia, favorecerá o movimento nacionalista na Irlanda do Norte, dando-lhe maior base eleitoral. In extremis, se o impasse fechar a fronteira à integração europeia, há o risco deste apoio aos nacionalistas ser estendido ao movimento republicano, ou seja, à luta armada, rompendo o regime institucional que, desde 1998, reduziu o conflito a uma disputa não-violenta. Tocante aos métodos empregados, faz-se uma revisão bibliográfica acerca da preferência eleitoral na Irlanda do Norte e indicadores socio-econômicos. Uma revisão teórica busca compreender a melhor lente para observação do conflito britano-irlandês; e, tocante à dinâmica de movimentos religiosos como agregadores, utilizar-se-á da tese de Robert Putnam sobre associativismo.

**Palavras-chave:** Associativismo. Brexit. Insurgência. Religiosidade. Nacionalismo.

---

<sup>1</sup> Departamento de Relações Internacionais - Universidade Federal de Sergipe.

<sup>2</sup> Departamento de Relações Internacionais - Universidade Federal de Sergipe.

**ABSTRACT**

This paper defends that the corrosion of the social basis supporting the British Crown in Ulster, and, the stalemate on Brexit negotiations, will favour the Nationalist movement in Northern Ireland, expanding its electoral basis. In extremis, if the stalemate creates a hard border against the European integration, there is the risk of this support to the Nationalists spill over the Republican movement, which is the armed front, eroding the regime that, since 1998, has transformed the conflict into a non-violent dispute. Regarding the methods employed, a bibliographical review on electoral preference in Northern Ireland is made and socio-economic indicators. A theoretical review aims to comprehend the best lens to observe the British-Irish conflict; and, concerning the religious institutions as aggregating movements, Putnam's thesis on associationism will be utilized.

**Keywords:** Associationism. Brexit. Insurgency. Religiosity. Nationalism.

## Introdução

Recentemente, governo e sociedade civil britânicas vivem o impasse sobre como será a retirada do Reino Unido da União Europeia, esta tacitamente prometendo punir o retirante. Movem-se dois processos dignos de atenção: a transição religiosa a uma provável maioria católica no Reino da Irlanda do Norte, e, o aumento da preferência eleitoral pelos partidos nacionalistas, nomeadamente o *Sinn Féin*,<sup>3</sup> e o Social Democratic and Labour Party.<sup>4</sup> O desdobramento que este artigo busca se aproximar afirma que a metamorfose no associativismo abaixo da organização política, no caso em questão as instituições religiosas, levará a mobilização de indivíduos que tenham preferência eleitoral pelo movimento nacionalista; o Brexit será um catalisador do processo. Nos tópicos sucessores, tratar-se-á a corrosão da base social do regime britânico no Reino e uma revisão teórica das melhores lentes para compreender o processo, conclui-se abordando o risco de colapso do regime institucional que até hoje cumpre função “catecônica” à violência já desprendida pelo conflito, mantendo-o como disputa.

Por setecentos e oitenta anos (1169-1949) Eire permaneceu sob controle da Coroa inglesa, sendo após a “Lei de Supremacia” de 1536 tempo mais intenso. A Irlanda serviu aos britânicos como laboratório para emprego de novas técnicas de administração social que posteriormente vieram a ser empregadas nas (demais?) colônias (TILLY, 1996) – não por acaso, alguns consideram-na a primeira descolonização do século XX (CANNY, 1973). Repetidamente, os britânicos católicos se revoltaram, sendo a Irlanda seu reduto, como na última tentativa de restauração: James Stuart, pelos católicos, contra William Orange, pelos protestantes.<sup>5</sup> Ainda assim, houve tentativas de reforma e acomodação consertadas pelos nacionalistas e hierarquia irlandesa – com apoio indireto da Santa Sé. Mas, o descaso de Londres com a autonomia local e a resposta desproporcional à Revolta de Páscoa de 1916, aquiesceram a independência (PRIVILEGE, 2009). Convulsionado, o governo britânico cedeu ao tratado anglo-irlandês de 6 de dezembro de 1921, tornando a ilha um Estado Livre sob a Commonwealth (a Coroa como chefe de Estado), similar à então Confederação do Canadá. Todavia, após a eleição geral de 1918, Westminster manobrou

<sup>3</sup> SF, do gaélico, Nós Sozinhos.

<sup>4</sup> SDLP, do inglês, Partido Social-Democrático Trabalhista.

<sup>5</sup> A resistência derrotada teve o nome de Revolta Jacobita (“de *Jacobus*”, ou James em latim), e a campanha do herdeiro distante ao trono chamou-se Revolução Gloriosa (ou “da legitimidade”).

uma nova divisão territorial que garantisse, à parte do Estado Livre (as províncias de Connaught, Munster e Leinster), controle sobre o reduto realista de Ulster, atual Reino da Irlanda do Norte. Ao cabo, a proclamação definitiva da República Irlandesa veio em 18 de abril de 1949. Ainda assim, uma fração do Exército Republicano Irlandês (na sigla em inglês, IRA) e do *Sinn Féin* continuaram ativas. Embora tenha sido o conflito britano-irlandês distendido durante a II Guerra e durante a “Era de Ouro” do capitalismo norte-atlântico (1945-1970), a ocupação de tropas britânicas em resposta à nova mobilização do Provisional Irish Republican Army,<sup>6</sup> reescalou o conflito – os plúmbeos anos de “the Troubles” –, distendido pelo Acordo de Sexta-Feira Santa/Belfast de 1998, que permitiu, se não desmobilizar a tempo as guerrilhas, mas fazê-las cessar operações.

### 1. Corrosão da base unionista

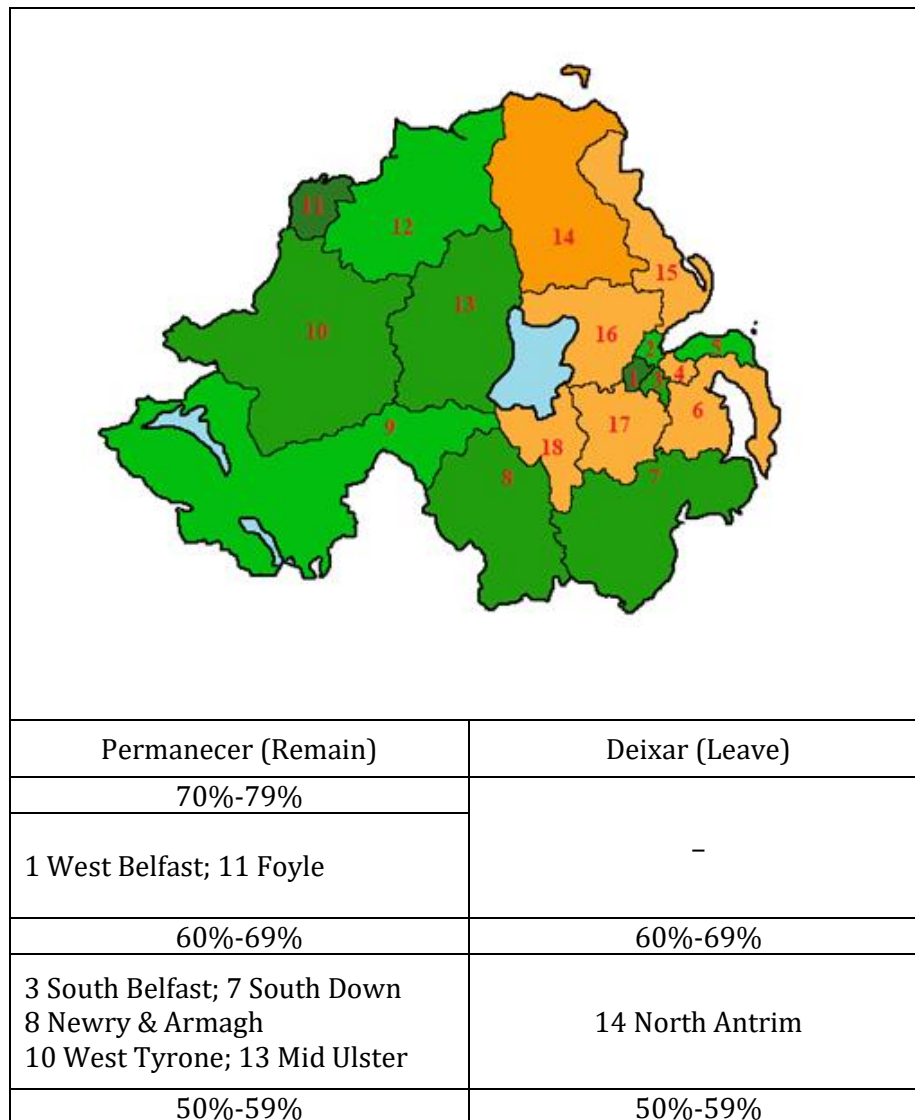
Sob a lente de Robert Putnan (2000), a mudança no associativismo abaixo das instituições políticas traduzir-se-á numa nova mobilização política. No caso do conflito britano-irlandês, há a preocupação com a transição demográfica a uma minoria protestante,<sup>7</sup> projetada para 2021 (Gordon, 2018). Conquanto mais avançada a indiferença social às instituições religiosas na Grã-Bretanha que na Irlanda do Norte, não obsta influenciarem com padrões diferentes sobre praticantes e não-praticantes (FOX, KOLPINSKAYA, 2019). Nos mapas da Irlanda do Norte em recorte confessional, eleitoral e do referendo Brexit, nota-se a consolidação de sete Áreas de Agremiação<sup>8</sup> “verdes”; concomitantemente, todas as AAs de maioria católica deram média de dois terços dos votos contra a saída da União Europeia. Ainda que o “voto popular” válido nos nacionalistas tenha coincidido, *grosso modo*, com o percentual de católicos (40%), a abstenção está em torno de 70%, no referendo e nas eleições ordinárias, criando desvio importante ainda que no universo populacional de católicos e evangélicos votantes haja preferências eleitorais definidas *na Irlanda do Norte* (grifo da autoria). Se no Reino Unido, a diferença de 4,5% deu maioria

<sup>6</sup> Herdeiro do antigo Exército Republicano, “Old IRA”, após a fundação da dissidência comunista “Official IRA” em 1925, desmobilizada em 1972 e integrada à política eleitoral.

<sup>7</sup> Apesar da discreta presença de nacionalistas irlandeses entre batistas, as confissões evangélicas são majoritariamente unionistas. Houve, contudo, a presença de unicórnios, os unionistas católicos (“unicorns”, “unionist catholics”), mas desde a virada do século XIX a “espécie” extinguiu-se.

<sup>8</sup> Assembly Areas, doravante AAs

católica a favor da UE (FOX, KOLPINSKAYA, 2019, p. 589),<sup>9</sup> a maioria dos ingleses católicos votou pelo Brexit, 55% contra 45% (Woodhead, Smith, 2018).<sup>10</sup> Por conseguinte, embora haja uma constante tentativa de equilíbrio da Santa Sé, observe-se que as Igrejas Particulares (dioceses) na Irlanda do Norte, não compõem a Conferência de bispos do Reino Unido, mas a da Irlanda (Sarhan, 2008).

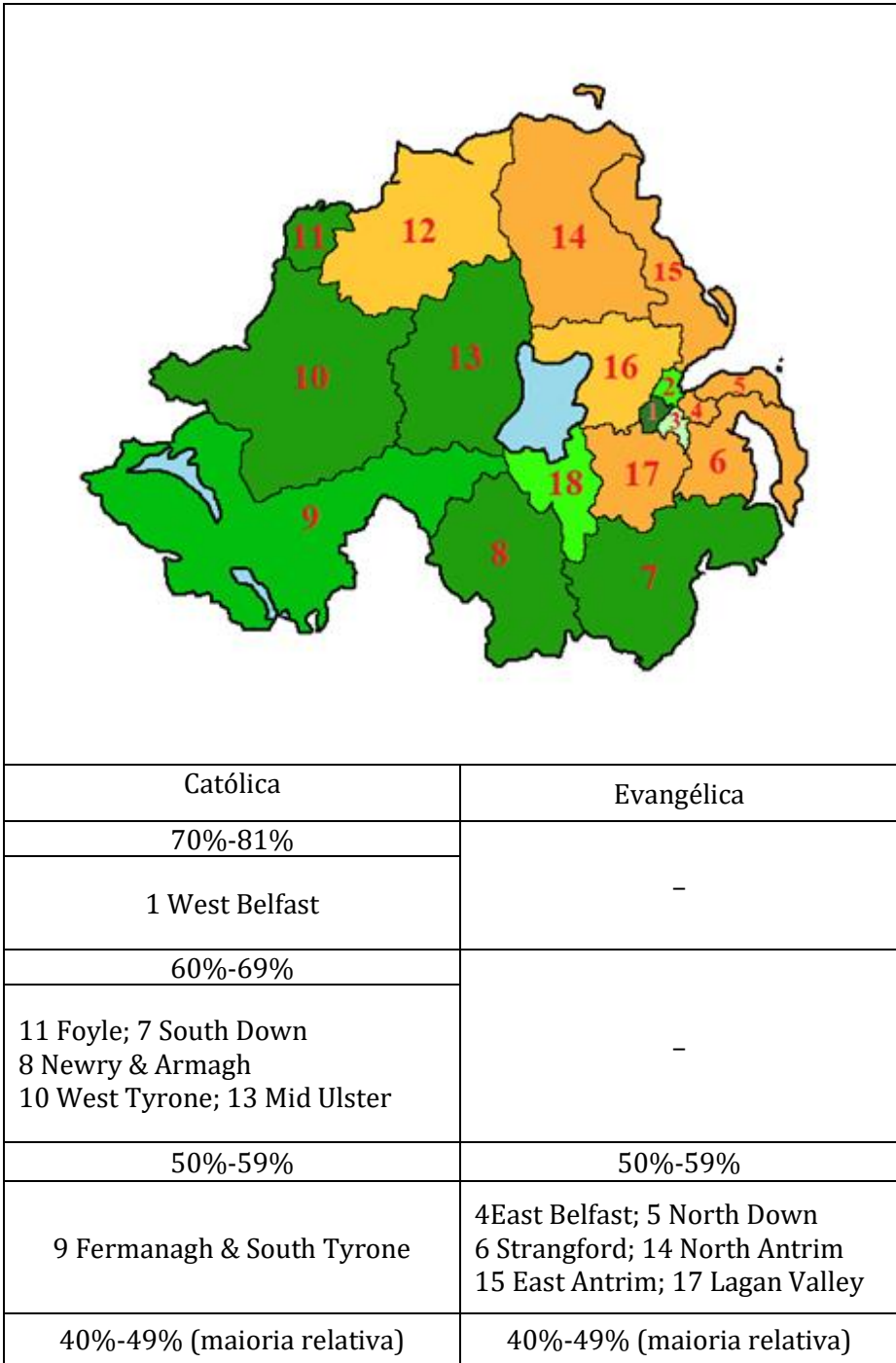


<sup>9</sup> 52,1% votaram pela permanência, e 47,6%, pela retirada do Reino Unido da União Europeia.

<sup>10</sup> Ademais, embora não seja ora aprofundado, cabe escrutinar *a posteriori* a mobilização protestante. Note-se que dois terços dos protestantes anglicanos, praticantes ou não, votaram pelo Brexit (Woodhead, Smith, 2018); inclusive, os protestantes no Reino da Grã-Bretanha tem preferência eleitoral conservadora e não-separatista nas eleições locais, vide a distribuição de votos na Igreja Presbiteriana/da Escócia, em que o Partido Nacional Escocês (SNP) é o terceiro mais votado, sendo primeiros os Conservadores (31,5%) seguidos pelos Trabalhistas (27,9%) (British Election Study, 2015).

2 North Belfast; 5 North Down 9 Fermanagh & South Tyrone 12 East Londonderry	4 East Belfast; 6 Strangford 15 East Antrim; 16 South Antrim 17 Lagan Valley; 18 Upper Bann
--	---

Figura 1: Maiorias no Referendo Brexit por Área de Agremiação. Fonte: BBC, 2016. (Croque do autor.)



2 North Belfast; 18 Upper Bann	12 East Londonderry 16 South Antrim
30%-39% (maioria relativa)	
3 South Belfast	-

Figura 2: Maioria confessional, declarada ou de origem familiar, por AA.  
Fonte: NISRA Census, 2011. (Croque do autor.)

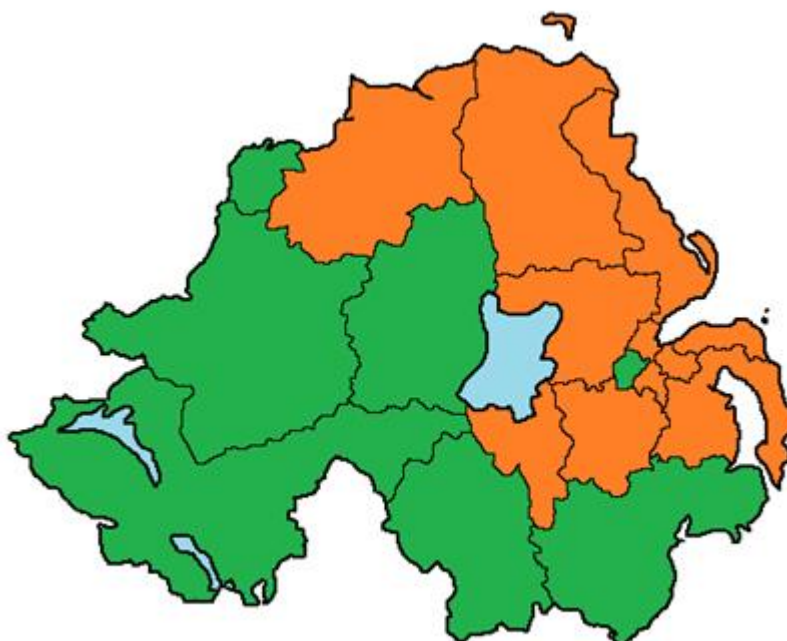


Figura 3: Maioria, nacionalista (verde) ou unionista (laranja), nos distritos eleitorais para o parlamento de Ulster em Stormont, em 2017. Fonte: Northern Ireland Elections: Ark Project [Ulster University; Queen's University Belfast], 2019.

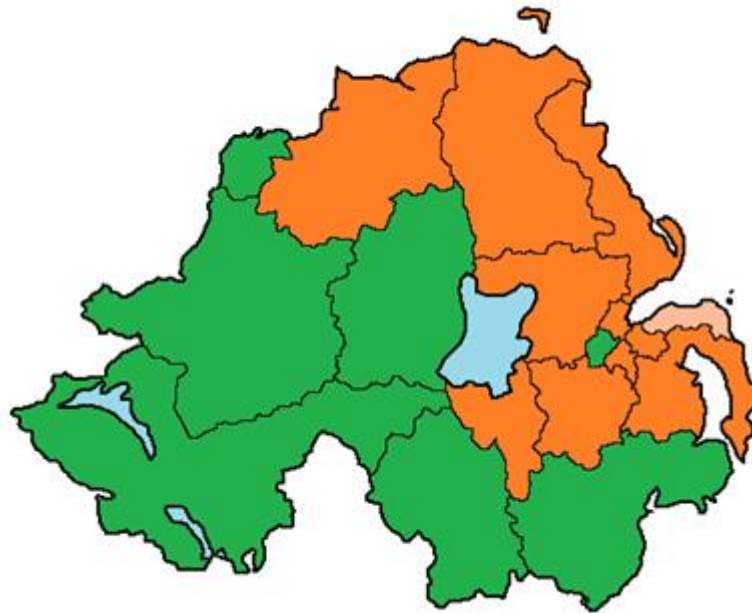


Figura 4: Maioria, nacionalista (verde) ou unionista (laranja), nos distritos eleitorais para o parlamento britânico em Westminster, em 2017. Fonte: Northern Ireland Elections: Ark Project [Ulster University; Queen's University Belfast], 2019.

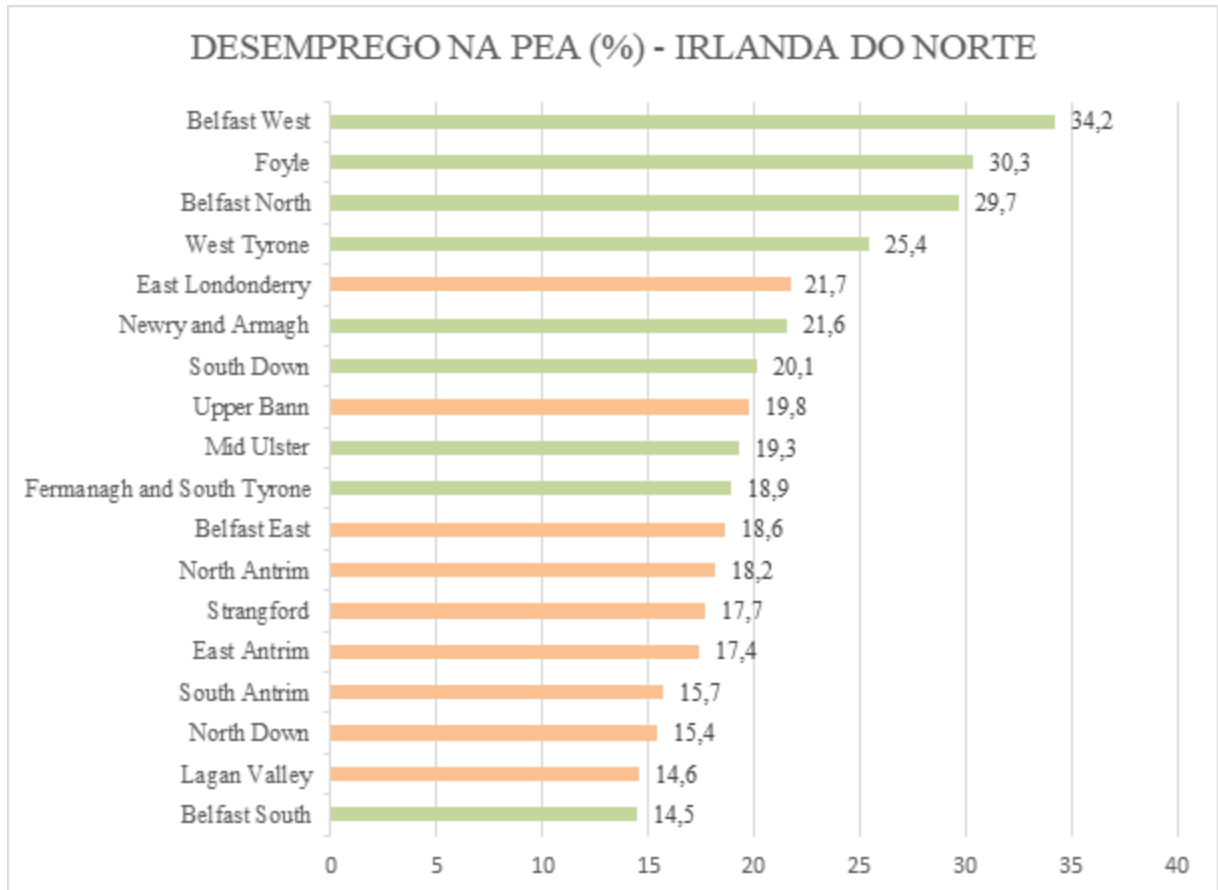
Ademais, cabe observar dois indicadores sociais que compõem o receio da população, católica em especial, mas norte-irlandesa em geral, sobre o malogro da integração europeia. As Áreas de Agremiação católicas, de maioria absoluta ou relativa, concentram maiores índices de mortalidade infantil: 45,13 mortos a cada mil nascidos, enquanto os AAs de maioria evangélica têm 35,85 mortos a cada mil nascidos vivos. O desemprego sobre a população economicamente ativa é um fardo mais grave sobre a comunidade católica. Considere-se que o Brexit implica a saída das empresas europeias do Reino Unido, não apenas a população irlandesa com baixa qualificação vai padecer nesse processo. Expostos estes dois indicadores, cabe ponderar que, em virtude do exíguo tempo para melhor argumentação, limitou-se a apresentar indicadores sensíveis da segurança social do povo norte-irlandês. A saúde infantil é um elemento básico convencionado pela UNCTAD (World Health Organization, 2005), e o emprego do insumo trabalho é a política econômica mais básica de qualquer regime democrático – posto que



o insumo trabalho, quando instado, elege governantes ou confirma decisões por eles requeridas.

Mortalidade infantil a cada mil nascidos (2016)	
Foyle	6.16
Belfast North	6.12
Belfast West	5.06
Belfast South	4.99
South Down	4.50
Newry and Armagh	4.10
West Tyrone	3.69
Mid Ulster	3.62
East Antrim	3.45
Fermanagh and South Tyrone	3.44
Upper Bann	6.09
Strangford	5.24
Lagan Valley	4.79
North Antrim	4.69
East Londonderry	4.30
North Down	4.04
Belfast East	3.74
South Antrim	2.96
Irlanda do Norte	4.55

Tabela 5: Mortos a cada mil recém-nascidos. Fonte, NISRA, 2016.



Grafo 1: Desemprego na Irlanda do Norte; AAs católicas em verde, em laranja, evangélicos. Fonte: NISRA, 2017.<sup>11</sup>

## 2. Impasse Brexit: uma lente teórica sobre o conflito

A questão do Brexit levanta várias questões sobre o futuro das nacionalidades britânicas. Dentre elas, obviamente, será dada atenção aos problemas em voga sobre como ficará a relação da Irlanda do Norte com a Grã-Bretanha, União Europeia e Irlanda. Para isso, é necessário a assistência de uma lente conceitual sobre conflitos internacionais e que levantará pontos interessantes sobre o impasse em discussão. Inicialmente é necessário saber o que é o conflito e suas condicionantes. Uma concepção define que o conflito surge como resultado de posições incompatíveis em que a violência, *a priori*, não é utilizada (COSER, 1956; ARON, 1957; BERNARD, 1957; SCHELLING, 1960; POWELSON, 1972, PRUITT E KIM, 2004 *apud* ZARTMAN 2009). Porém, a depender das posições e da

<sup>11</sup> PEA, ou “População Economicamente Ativa”.

sucessão de medidas tomadas pelas partes, a escalada do conflito até a violência (entenda-se, a física) pode ocorrer (SMOKE, 1977; ZARTMAN e FAURE, 2005 *apud* ZARTMAN, 2009). Uma outra conceituação parte de um pressuposto semelhante, afirmando que o conflito é resultado da existência de diferentes valores, normas, e divisões de classe (KRIESBERG, 1998 *apud* JEONG, 2008). Sabendo-se que o conflito é manifesto na incompatibilidade entre atores em algum aspecto, as fontes são de natureza diversa. Jeong (2008) elenca diversas classificações para as fontes do conflito, partindo de uma natureza material – ou tangível – e de uma natureza psicológica – ou intangível. Os fatores de natureza tangível englobam questões de escassez de recursos, liberdade de ação limitada e outros a implicar maior ou menor distância de poder entre partes. Dito isto, uma outra fonte de conflito também exposta por este autor leva em consideração uma “mudança social”. Neste caso:

Diferenças em poder estão baseadas estruturalmente, reflectindo o modo no qual a society está arranjada. Considerações econômica são importantes somente se elas tem significado em disputas políticas. Diferenças de poder são refletidas não só por toda a sociedade, mas também em sua organização social. Não é riqueza ou propriedade mas poder que é mais diretamente relato às forças de mudança (JEONG, 2008, p. 54).

Considerando-se um cenário de potencial conflito, a mudança estrutural que resulte numa alteração do *status quo* pode ser um fator importante para tanto. Essa ideia é relevante quando se observa como o Brexit rebordará sobre a questão irlandesa. Como foi dito na seção anterior, a saída do Reino Unido da União Europeia pode pesar sobretudo na população católica da Irlanda do Norte, em decorrência de um possível agravamento do desemprego dentro deste grupo, além do fechamento da fronteira, apartando contato entre famílias na Ilha da Irlanda. Por conseguinte, a mudança social de Jeong, a saída do Reino Unido da UE, impacta sobre o *status quo*: o Acordo de Sexta-Feira Santa/Belfast de 1998, fundador da dinâmica política hodierna do Reino de Ulster e que depende substancialmente da fronteira aberta criada pela Comunidade/União Europeia. Ademais, a agricultura na Irlanda do Norte é altamente dependente dos subsídios da União Europeia, além de que esta produção tem como um dos principais importadores a República da Irlanda, ao sul. Além disso, Irlanda do Norte também é bastante beneficiada com a repartição do orçamento da União Europeia (Economist, 2016). Assim, a escassez de recursos vindoura e diminuição da autonomia dos indivíduos

da Irlanda do Norte por conta do Brexit, e, a transição religiosa para uma maioria católica (ou uma minoria protestante unionista) seriam fortes condicionadores para o surgimento de um novo conflito. Posta a visão materialista das fontes do conflito, é sabido que há uma carga valorativa sobre a Irlanda do Norte. Por conseguinte, urge manter a conquista do Acordo de 1998, que resta descrito nas palavras de Arthur (2010): uma nova cultura política, léxico linguístico, e uma transição do paradigma de soma zero para ganha/ganha. Por sua vez, a União Europeia teve um protagonismo na garantia de que o processo de paz pudesse dar certo. De acordo com Laffan e O'Mahony (2008, p. 217 *apud* ARTHUR, 2010, p. 201):

Sem o engajamento de ambos Estados no amplo sistema da integração europeia e sem o modelo... [de dinâmica política] oferecido pela UE, dificilmente ambos Estados e outros atores políticos poderiam encontrar a capacidade política e modelos institucionais para elaborar o Acordo de Sexta-Feira Santa. A UE fez contribuição essencial à mudança de relações entre Bretanha e Irlanda e à gestão do conflito na Irlanda do Norte.

Há duas perspectivas trazidas por Jeong (2008) que são relevantes para essa análise: a dos valores e das necessidades humanas. Os valores, de acordo com o autor, são ancorados em conceitos compartilhados sobre algum objetivo e os meios para alcançá-los. A diferença entre os valores, de acordo com Jeong, revela diferença nas preferências e nos princípios que influenciam num modo de vida. Isso é observável dado os grupos internos da Irlanda do Norte, principalmente os nacionalistas e unionistas. Além disso, o autor coloca o peso do fator das necessidades humanas que são um conjunto de necessidades imprescindíveis para a sobrevivência dos indivíduos. Tanto os valores como as necessidades humanas potencializam o surgimento de um conflito. Pode-se relacionar estes dois conceitos, pois as diferenças de valores ainda permanecem agudas dentro da Irlanda do Norte, mesmo não havendo um quadro de violência política recente. Com a possível saída do Reino Unido da União Europeia, as necessidades básicas dos indivíduos poderão ser instrumentalizadas para agravar a diferença de valores presente nos grupos da Irlanda do Norte. Ou seja, apesar de estar dentro de uma perspectiva valorativa, as diferenças culturais e os objetivos dos grupos que assumem politicamente essas diferenças, apresentam essas questões como de necessidade humana, imprescindível. Desta forma, o conflito terá no Brexit seu motivo imediato para ignição em vista do desfavor à província de Ulster. Portanto, invertendo-se auspiciosamente o

objeto observado, a saída da União Europeia do conflito britano-irlandês retira um fomentador de cooperação na gestão do conflito mesmo. Resta-nos o prognóstico de Zartman (2009): o conflito e sua escalada, mas em especial a guerra, resulta de falha na negociação.

### **Considerações finais**

A proposta feita nesse artigo foi defender o argumento que o Brexit, rejeitado pela Irlanda do Norte, pode contribuir para o crescimento eleitoral de grupos nacionalistas na Irlanda do Norte, levando em consideração que além da disputa entre projetos diferentes de organização social que a dinâmica religiosa contribuiu (leia-se oposição à colonização inglesa encampada pela hierarquia local),<sup>12</sup> há o constrangimento material da carência de empregos e assistência social. O Brexit, mais que a integração, rompe *status quo*, o Acordo de Sexta-Feira Santa/Belfast, concluído entre a República da Irlanda, o Reino Unido e os partidos políticos nacionalistas e unionistas, e, uma série de tratados bilaterais para cooperação entre a República e o Reino Unido. Ademais, deixou-se a penúltima seção deste artigo ao fim de revisar as teorias para compreensão do conflito, mas resta uma ponderação sobre o modo como as lentes postas visam-no. A disputa por “questões culturais”, a envolver a mobilização de “afetos” é nada mais que uma disputa entre projetos de organização política diversos. Há muito disputas envolvendo atores com algum discurso confessional são tratadas como disputas “à parte” de disputas políticas “não-religiosas” (como não houvesse mobilização de afetos, extremismo em outros contextos). O que é preciso compreender das instituições ditas religiosas é que, antes de surgir a noção de religião como disciplina privada dos indivíduos, elas foram estruturas pelas quais compôs-se a organização política, e social mais ampla. Diferente de outras formas de associativismo, as Igrejas ocidentais (aqui compreendidas católica e evangélicas) foram antes uma instância de administração pública tendo, inclusive,

---

<sup>12</sup> Há ainda a movimentação de outro ator, o endosso da Santa Sé ao pleito nacionalista da hierarquia católica na Irlanda, que sempre articulou lobby junto ao Vaticano pela causa, daí a apologia de Francisco I à “Europa aberta e unida” na comemoração do 60º aniversário de fundação da União Europeia – sem a presença do Reino Unido (European Union, 2017). Um endosso indireto à causa nacionalista, que exige a manutenção do Reino de Ulster na União Europeia o que implicaria a reunificação norte-sul; dispõe-se como um padrão de comportamento se lembrado o silêncio da Santa Sé diante da propaganda republicana a afirmar que receberam uma bênção apostólica de Bento XV (Keogh, 2016).

autoridade adjudicadora (judicial); hodiernamente, a depender do arranjo institucional negociado, elas ainda podem controlar competências gerenciais cedidas pelo Estado (CAVANAUGH, 2009).

A forma de gerenciar este conflito, especialmente o engenho de reduzi-lo a uma disputa eleitoral não-violenta (ou o menos possível) como se apresenta atualmente, está em risco pela mudança social em curso. Consoante a pesquisa do grupo BrexitLawNI (2018),<sup>13</sup> há o Brexit pressionando sobre a sociedade civil de Ulster a discussão sobre a reunificação com a Irlanda do Sul. Sumariando-se os já citados fatores do golpe desferido pelo referendo “British Exit,” há a quebra dos padrões de cooperação ente Irlanda e Reino Unido, a quebra do Acordo de Sexta-Feira Santa, cessação da integração socio-econômica – especialmente o fim da circulação das famílias pela fronteira – e, a transição demográfica aumentando a então minoria católica e diminuindo a maioria protestante. Há todavia um último, a paralisia institucional no Reino da Irlanda do Norte ao ponto de o governo local, ou “devoluto” (“devoluted government”, devolvido ao local), ser recolhido novamente por Londres. Em 2017, um impasse entre os nacionalistas e unionistas no parlamento local de Stormont levou à suspensão do governo local, algo que sensivelmente prejudica a estabilidade de Ulster ao inviabilizar uma autoridade local que permita gerir o conflito, posto que o retorno do mando de Westminster, a governar por decretos, carece sensivelmente de legitimidade. Aliás, não à toa agentes da guerrilha republicana declararam o quão promissor será para sua causa o referendo de 2016 (Watson, 2018). Lamentável destruição de um legado das negociações de 1998, cujo mais recente atestado desse legado enquanto criação de um novo léxico, como definido supra, foi a cerimônia funeral de Martin McGuinness, ex-vice-primeiro-ministro pelo *Sinn Féin*. Ao chegar à missa fúnebre, a primeira-ministra pelo Democratic Unionist Party (rival dos nacionalistas), Arlene Foster, foi aplaudida pela congregação paroquial de nacionalistas/católicos (BELFAST TELEGRAPH DIGITAL, 2017); Rev. metodista Harold Good subiu ao presbitério e proferiu um discurso (RTÉ, 2017). McGuinness, pelo SF nacionalista, junto com o rev. presbiteriano Ian Paisley, pelo DUP unionista, formaram a primeira coalizão para governo, como vice-premier e premier após o Acordo de Sexta-Feira Santa Belfast. Apesar de sua atividade pregressa nas guerrilhas republicana e

---

<sup>13</sup> O grupo é uma parceira entre Committee on the Administration of Justice (CAJ), Ulster University e Queen’s University Belfast.

realista, respectivamente, ambos ficaram conhecidos como “the Chuckle brothers”, ou “os irmãos risada” por sua amizade forjada no governo de coalizão (Graham, 2017).

## Referências

ARTHUR, P. 2010. The Role of the European Union as a Peace Builder: Northern Ireland as a Case Study. *Peace and Conflict Studies*, 17 (1).

COMMITTEE ON THE ADMINISTRATION OF JUSTICE (BREXITLAWNI). 2018. BREXITLAWNI project reports, 14 set. Disponível em: <https://caj.org.uk/2018/09/14/brexitlawni-end-of-project-reports/>. Acesso em: 21/05/2019.

BRITISH ELECTION STUDY. 2015. Panel Study data: Which party did you vote for in the local elections? vs Religious denomination. Disponível em: <https://www.britishelectionstudy.com/graph/?filter%5BCOUNTRY%5D%5B1%5D=on&filter%5BCOUNTRY%5D%5B2%5D=on&filter%5BCOUNTRY%5D%5B3%5D=on&filter%5BlocalElectionVote%5D%5B1%5D=on&filter%5BlocalElectionVote%5D%5B7%5D=on&filter%5BlocalElectionVote%5D%5B2%5D=on&filter%5BlocalElectionVote%5D%5B3%5D=on&filter%5BlocalElectionVote%5D%5B4%5D=on&filter%5BlocalElectionVote%5D%5B6%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B6%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B9%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B2%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B8%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B5%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B4%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B3%5D=on&filter%5Bprofile religion denom%5D%5B7%5D=on&filtering=1&id=20969#.XOONqshKiUn>. Acesso em: 21/05/2019.

CANNY, N.P. 1973. The Ideology of English Colonization: From Ireland to America. *The William and Mary Quarterly*. Omohundro Institute of Early American History and Culture, 30(4): 575-598.

CAVANAUGH, W. 2009. *The myth of Religious violence: Secular ideology and the roots of modern conflict*. New York, Oxford University Press.

EUROPEAN UNION. 2017. Pope Francis addresses the EU Heads of State and Government. Delegation of the European Union to the Holy See, Order of Malta, UN Organisations in Rome and to the Republic of San Marino, 28 mar. Disponível em: <https://eeas.europa.eu/delegations/un-rome/en/23764/Pope%20Francis%20addresses%20the%20EU%20Heads%20of%20State%20and%20Government%20%E2%80%93%20Vatican%20City.%2024%20March%202017>. Acesso em: 23/05/2019.

FOX, S.; KOLPINSKAYA, E. 2019. Praying on Brexit? Unpicking the Effect of Religion on Support for European Union Integration and Membership. *Journal of Common Market Studies*, 57(3): 580-598.

GRAHAM, D. 2017. The Strange Friendship of Martin McGuinness and Ian Paisley, 21 mar. The Atlantic. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2017/03/martin-mcguinness-ian-paisley/520257/>. Acesso em: 23/03/2019.

GORDON, G. 2018. 'Catholic majority possible' in NI by 2021. BBC, 19 abr. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-northern-ireland-43823506>. Acesso em: 08/05/2019.

RTÉ. 2017. In Pictures: Martin McGuinness's funeral, 24 mar. Disponível em: <https://www.rte.ie/news/galleries/2017/0323/862021-martin-mcguinness-funeral/>. Acesso em: 22/05/2019.

JEONG, H.-W. 2008. *Understanding Conflict and Conflict Analysis*. SAGE.

KEOGH, D. 2016. Why the Church kept a 'vow of silence' after the Rising. Irish Examiner, 14 mar. Disponível em: <https://www.irishexaminer.com/viewpoints/analysis/why-the-church-kept-a-vow-of-silence-after-the-rising-387201.html>. Acesso em: 16/05/2019.

BELFAST TELEGRAPH DIGITAL. 2017. Martin McGuinness Funeral: Applause for Arlene Foster as she takes her seat in St Columba's Church, 23 mar. Disponível em: <https://www.belfasttelegraph.co.uk/news/northern-ireland/martin-mcguinness-funeral-applause-for-arlene-foster-as-she-takes-her-seat-in-st-columbas-church-35559947.html>. Acesso em: 22/05/2019.

PRIVILEGE, J. 2009. *Michael Logue and the Catholic Church in Ireland, 1879–1925*. New York, Manchester University Press.

PUTNAM, R. 2000. *Bowling alone: the collapse and revival of American community*. New York, Simon & Schuster.

SARHAN, O. 2008. Map of Dioceses. Irish Catholic Bishops' Conference/Comhdháil Easpag Caitliceach Éireann. Disponível em: <https://www.catholicbishops.ie/dioceses/>. Acesso em: 07/03/2019.

WHYTE, N. 2019. Northern Ireland Elections. Ulster University; Queen's University Belfast. Northern Ireland Social and Political Archive (Ark project). Disponível em: <https://www.ark.ac.uk/elections/>. Acesso em: 5/03/2019.

SMITH, G.; WOODHEAD, L. 2018. 'The majority of Anglicans in England, churchgoing or not, favour Brexit': The EU as a perceived threat to English culture. LSE Religion and Global Society interdisciplinary blog, 9 out. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/religionglobalsociety/2018/10/the-majority-of-anglicans-in-england-churchgoing-or-not-favour-brexit-the-eu-as-a-perceived-threat-to-english-culture/>. Acesso em: 20/05/2019.

THE ECONOMIST. 2016. The Brexit Briefs: our guide to Britain's EU referendum, jun.



TILLY, C. 1996. Linhagens do Estado nacional,. In: TILLY, C. *Coerção, Capital e Estado europeus*. São Paulo, Edusp, p. 232.

NORTHERN IRELAND STATISTICS AND RESEARCH AGENCY (NISRA). 2012-2016. Infant Mortality Rate (administrative geographies). Disponível em: <https://www.ninis2.nisra.gov.uk/public/PivotGrid.aspx?ds=8831&lh=68&yn=2006-2016&sk=134&sn=Health%20and%20Social%20Care&yearfilter=2016>. Acesso em: 6/03/2019.

NORTHERN IRELAND STATISTICS AND RESEARCH AGENCY (NISRA). 2017. Northern Ireland Multiple Deprivation Measure 2017 - Indicators (administrative geographies). Disponível em: <https://www.ninis2.nisra.gov.uk/public/PivotGrid.aspx?ds=8942&lh=68&yn=2017&sk=137&sn=Deprivation&yearfilter=2017>. Acesso em: 6/03/2019.

NORTHERN IRELAND STATISTICS AND RESEARCH AGENCY (NISRA). 2001. Religion: KS07a (administrative geographies). Disponível em: <https://www.ninis2.nisra.gov.uk/public/PivotGrid.aspx?ds=8460&lh=68&yn=2001&sk=135&sn=Census%202001&yearfilter=2001>. Acesso em: 6/03/2019.

NORTHERN IRELAND STATISTICS AND RESEARCH AGENCY (NISRA). 2011. Religion: KS211NI (administrative geographies). Disponível em: <https://www.ninis2.nisra.gov.uk/public/PivotGrid.aspx?ds=7479&lh=68&yn=2011&sk=136&sn=Census%202011&yearfilter=2011>. Acesso em: 6/03/2019.

WATSON, T. 2018. Brexit could 're-ignite conflict' in Northern Ireland. BBC, 14 set. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-northern-ireland-45513462>. Acesso em: 22/05/2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2005. The World Health Report: Make every mother and child count. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43131/9241562900.pdf>. Acesso em: 08/03/2019.

ZARTMAN, W.I. Conflict Resolution and Negotiation. 2009. In: BERCOVITCH, J.; KREMENYUK, V.; ZARTMAN, W.I. 2009. *Handbook of Conflict Resolution*. SAGE.